



INTERSECCIONALIDADE E O PROJETO ASSEMBLEIA: ESPAÇO DE AÇÕES DEMOCRÁTICAS DA ESCOLA MENINOS E MENINAS DO PARQUE DF

Lara Andréia Sant'Ana Cardoso – UnB

Relatos de Experiência Internacionais e Redes de Pesquisa

1. INTRODUÇÃO

Este relato apresenta as inquietações da pesquisadora e da coordenadora pedagógica do 1º segmento da Eja da Escola Parque Meninos e Meninas do Parque com o Projeto Assembleia: Espaço para ações democráticas que são mediadas todas as quartas – feiras após o intervalo. A escola reúne os estudantes debaixo do pé de abacate, área externa, em círculo e participam de uma assembleia. O objetivo é discutir o assunto do dia e mediar a conscientização crítica do segmento de estudantes em relação a temas voltados para o direitos humanos e afins bem como pensar a interseccionalidade na perspectiva literária brasileira e nossas realidades enfrentadas.

A Escola Meninos e Meninas do Parque é uma escola Pública de natureza especial que atende a população em situação de rua. No Brasil existem apenas duas escolas desta natureza, a do Distrito Federal e a EPA- Escola Porto Alegre que são públicas e idealizadas para mediar a educação da população em vulnerabilidade social.

Na assembleia os segmentos envolvidos tem voz para participarem, indagarem, posicionarem, reivindicarem. Temas como racismo, aporofobia, misoginia, direitos, ética e moral, literatura, cultura são explorados e apresentados criticamente para que a percepção de mundo possa transformar a leitura dos estudantes sobre a vida e sobre a sociedade.

Participaram neste espaço o segmento de professores, estudantes, a equipe gestora e convidados(as) numa quarta – feira do mês de agosto/2025, a primeira do semestre letivo. . A literatura brasileira retrata a vida do povo, culturas, desafios e lutas, por isso a coordenadora trabalhou a escritora Maria



Carolina de Jesus, mulher, negra, empobrecida e que registra a vulnerabilidade social que viveu em forma de diário.

Atendendo ao Currículo em Movimento, Caderno Educação de Jovens e Adultos(2020) que propõem como finalidade tocar no mais íntimo da pessoa, reconhecendo sua humanidade e a diversidade latente que faz com que temáticas como gênero, raça, classe sejam indispensáveis para a compreensão de mundo social e da luta que enfrentam como população em situação de rua para além das vivências, mas sob o compreender raso da sociedade e a equidade apresentada pelo Estado.

“A interseccionalidade aplicada pela agenda dos direitos humanos” (Collins, 2021, p.121) reforça o trabalho desta instituição escolar e a perspectiva deste relato da assembleia, a riqueza da fala dos estudantes é identificada na práxis quando percebida e protagonizada.

2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA

A coordenação pedagógica assume a assembleia quando há necessidade, normalmente este espaço é coordenado por uma dupla de professores que são distribuídos antecipadamente em coordenações coletivas para que possam planejar e preparar o espaço coletivamente com o segmento de estudantes.

Neste dia, a coordenadora pedagógica apresentou a biografia de Maria Carolina de Jesus, contada com o recurso pedagógico uma boneca de pano e a leitura do livro O Diário de Bitita, página 25.na passagem Ser pobre.

O tema foi escolhido após a escola aplicar um questionário e fazer uma roda de conversa para criar o Projeto 2026, com o segmento de estudantes durante o curso PROFsEJA - e foi identificado a necessidade de estudar entre outros temas o racismo, misoginia, aporofobia, direitos, gênero, orientação sexual.

Os presentes ouviram sobre a passagem SER POBRE do Diário de Bitita. Cada relato o silêncio ficava maior, a atenção foi geral e percebemos como a vida de Bitita era próxima da vivência dos estudantes. As devolutivas foram necessárias e concretas.



Após concluir a apresentação literária os estudantes oralmente foram respondendo algumas perguntas e fazendo outras. O círculo de cultura foi aberto. A coordenadora mediou inquerindo sobre o que era ser pobre naquela época e como é ser pobre hoje? Por que há empobrecidos(as)? O que falta a esta classe? E como é a vida das mulheres empobrecidas naquela época e agora? Mudou alguma coisa? Existem empobrecidos? A pobreza é mais violenta? O que é ser uma mulher negra em vulnerabilidade?

Os presentes participaram do Círculo de Cultura, todos(as) queriam falar, opinar e acrescentar ao diálogo, “a ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles”. (Freire, 1981, p.57). Isso é promover espaços que possam encorajar a fala, o pensar crítico a ponto que torne uma ação cultural e os estudantes estejam preparados para dialogarem sobre si e para si.

O papel do gestor escolar imprime muito como a escuta dialógica é inserida. A compreensão da EJA e de sua complexidade, diversidade e pluralidade dão à escola a natureza especial (Brasília, 2018) e assim ela se constrói com o trabalho da assembleia e reuniões.

3. RESULTADOS/APRENDIZADOS

Houve a participação de todos(as) com narrativas vividas. A análise foi interseccional: raça, gênero e classe. Diálogos atuais nos remeteram ao patriarcalismo, a classe empobrecida e a análise que as pessoas em situação de rua sequer pertencem a uma classe. Ainda são os despossuídos e as políticas públicas não são elaboradas com a voz da população em situação de rua, e por isso atende ao sistema. As leis não são neutras, transformam as necessidades dos empobrecidos em crime (Marx; Bensaïd, 2017).

Além de tudo, o que o relato nos aponta é que o sistema é cruel, classista, aporofóbico e misógino. As mulheres empobrecidas e negras sofrem mais que os homens nesta sociedade capitalista. São abusadas fisicamente, emocionalmente e financeiramente. A luta de Bitita é atemporal pois as mulheres negras lutam hoje contra o racismo, gênero e a condição de pobreza.



O racismo estrutural é muito latente. A população em situação de rua percebe como a violência social é cruel. Não escondem o racismo. Fazem questão de demonstrar. Muitas vezes, as pessoas fingem que não o enxergam. Além de invisíveis, são invivíveis para a sociedade. Utilizados apenas de estatísticas para alimentar a cultura do medo e manter o ódio da violência urbana.

As políticas públicas necessitam combater tais violências e aniquilar a desigualdade social. Por isso, os estudantes recorrem à Escola Meninos e Meninas do Parque porque acreditam na conclusão dos estudos, na mudança de classe, na luta interseccional. De alguma maneira compreendem a escola como território de emancipação, mediação de consciência crítica e esperançar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura brasileira é rica e nos permite refletir a práxis pedagógica que alcançamos nas Assembleias. Aproximar a leitura do Diário de Bitita é muito real para os estudantes ouvintes e próximo das violências enfrentadas pela população em situação de rua.

A Instituição Educacional é um território, segundo o segmento de estudantes, que possibilita explorar as abordagens sociais que são discutidas e enriquecidas com as vivências e escritas reais que são protagonizadas e vivenciadas nas ruas.

A leitura de mundo atravessa a visão crítica e se faz oportuno e latente quando nos é afirmado que na medida que o homem cria, recria e decide vão se formando as épocas históricas. (Freire, 1986, p. 64) Foi assim, o círculo de cultura criando o esquema mental das épocas históricas e de como a sociedade brasileira pouco avançou nas opressões.

A escola recebeu uma homenagem na Câmara Legislativa na semana seguinte, 13/08/2025 e os estudantes resolveram que precisavam falar e opinar sobre políticas públicas voltadas para a população em situação de rua, bem como criar um grupo de mulheres na escola que possa discutir as dificuldades e superar juntas com ações e participação as reais necessidades de uma mulher em situação de rua que na maioria são pretas.



A leitura é arte e cada estudante desta instituição escolar é um artesão em potencial e escritor único da sua história de vida. A ação reflexão é a dialética interseccional que as instituições escolares devem investir.

O livro “O Diário de Bitita” provocou a percepção interseccional dos presentes e o círculo de cultura expandiu a leitura de mundo dos participantes. Há a necessidade de uma investigação mais ampla sobre a interseccionalidade nas narrativas dos estudantes da escola Meninos e Meninas do Parque, pois o Projeto Assembleia: espaço para ações democráticas talvez seja o trabalho pedagógico mais dialógico, concreto e crítico que a instituição escolar ofereça aos segmentos que frequentam o dia a dia escolar.

Quanto a leitura do fragmento do Diário de Bitita, despertou a motivação de resistir e esperar dos estudantes. E transformou o momento da Assembleia em uma grande ação democrática. Oportunizou o reconhecimento dos estudantes de si e o refletir do que podem para si.

Os estudantes participaram da Assembleia da escola e da Assembleia que homenageou a Instituição escolar pelos 30(trinta) anos e registraram na Casa Legislativa os diversos olhares que o sistema insiste em invisibilizar, se fizeram escutados sensivelmente pelos presentes e discutiram suas vulnerabilidades e violências vividas e perspectivas de políticas públicas que atendam a população em situação de rua.

REFERÊNCIAS

BRASIL, Comitê Nacional de Educação em Direitos Humanos. **Plano Nacional de Educação em Direitos Humanos: Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, 2013.**

BRASÍLIA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Currículo em Movimento. Caderno Educação de Jovens e Adultos. Brasília, 2018.**

BRASÍLIA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal. **Proposta Político Pedagógica da escola dos Meninos e Meninas do Parque. Brasília, 2025.**

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade.** Tradução de Rane Souza.

1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.



FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 11^a. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1986.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 10^a. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1981.

MACEDO, Aldenora Conceição de. **Sobre interseccionalidade**, 1^a ED. *Brasília/DF*, 2023.

Marx, Karl; Bensaïd. **Os Despossuídos: debates sobre a lei referente ao furto de madeira**; Tradução de Karl Marx, Nélío Schneider; tradução de Daniel Bensaïd, Mariana Echalar-1.ed.- São Paulo: Boitempo, 2017.